

RELAÇÃO ENTRE PATRIMÓNIO MATERIAL E PATRIMÓNIO IMATERIAL NO MEIO RURAL - O NORDESTE ALGARVIO (SUL DE PORTUGAL)

Francisco, Maria Luísa (1)

(1) *Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa, Portugal,
luisa.algarve@gmail.com*

Resumo

O património cultural do meio rural tem dimensões materiais e imateriais que coexistem e são observadas e analisadas de forma indissociável.

Tentaremos reflectir sobre esta relação entre património tangível e património intangível e o seu papel na construção social da herança cultural e da memória colectiva.

No Nordeste Algarvio, situado no Sul de Portugal, encontramos pequenas povoações, designados por montes. Estes montes são constituídos por conjuntos de casas em povoamento aglomerado, são locais ricos em património imaterial como lendas, tradições, mezinhas, orações e saberes ancestrais que estão em risco de se perder. Quase todos os montes estão em acelerado processo de desertificação, tendo alguns apenas um ou dois habitantes. São locais onde ainda encontramos a paisagem preservada, a autenticidade das gentes, as vivências comunitárias de partilha do forno, da eira, do burro, de utensílios e das alfaias agrícolas.

São espaços que podem permitir a experiência turística sustentável, valorizando as populações idosas e os seus saberes, reavivando imaginários que conseguem ir ao encontro de uma imagem idílica do rural, que consideramos ainda existir no mais remoto Algarve interior e que estamos a estudar.

Apresentaremos um conjunto de imagens do património material e a sua ligação com o património imaterial. Por exemplo um forno comunitário no centro do monte que simultaneamente é o local de culto da povoação, por ter na parede do próprio forno um nicho / oratório de devoção mariana.

Palavras-chave: Património; Material; Imaterial; Ruralidade; Memória

Comunicação

Património no Meio Rural

O património cultural do meio rural tem dimensões materiais e imateriais que coexistem e são observadas e analisadas de forma indissociável.

Apresentamos uma breve reflexão sobre esta relação entre património tangível e património intangível e o seu papel na construção social da herança cultural e da memória colectiva. E ainda o seu papel no desenvolvimento de experiências turísticas sustentáveis.

No Nordeste Algarvio, situado no Sul de Portugal, encontramos pequenas povoações, designados por montes. Estes montes são constituídos por conjuntos de casas em povoamento aglomerado, são locais ricos em património imaterial como lendas, tradições, mezinhas, orações e saberes ancestrais que estão em risco de se perder. Quase todos os montes estão em acelerado processo de desertificação, tendo alguns apenas dois ou três habitantes. São locais onde ainda encontramos a paisagem preservada, a autenticidade das gentes, as vivências comunitárias de partilha do forno, da eira, do burro, de utensílios e das alfaias agrícolas.

São espaços que podem permitir a experiência turística sustentável, valorizando as populações idosas e os seus saberes, reavivando imaginários que conseguem ir ao encontro de uma imagem idílica do rural. Consideramos existirem, ainda, no Algarve interior, vivências relativamente preservadas e que nos fazem sentir que parte da tradição ainda se mantém, com um importante cruzamento entre materialidade e imaterialidade.

Este cruzamento permite variadíssimas abordagens multidisciplinares.

Apresentamos agora um conjunto de imagens do património material e a sua ligação com o património imaterial. Na imagem exposta podemos observar um forno comunitário no centro de um monte do Nordeste algarvio que, simultaneamente, é o local de culto da povoação, por ter na parede do próprio forno um nicho ou oratório de devoção mariana.



Figura 1: Forno Comunitário / Oratório

Este nicho ou oratório tem algumas particularidades que valorizam o património material e imaterial: a imagem da Virgem Maria está decorada com uma cercadura de pedrinhas recolhidas na ribeira; há um pano de linho que cobre a imagem e que é decorado com um pequeno bordado que representa o *saber-fazer* e as artes desta zona.



Figura 2: Parte lateral do Forno comunitário / Oratório

Este oratório foi construído com apoio da autarquia tendo direito a inauguração com presença do Presidente da Câmara. Inauguração que decorreu no dia da cerimónia religiosa em que foi celebrada missa e procissão com o andor de Nossa Senhora em cortejo pelo Monte. Desde então, todos os anos no dia 15 de Agosto, se realiza esta festividade religiosa acompanhada de um almoço partilhado por todos os habitantes do Monte e familiares que vêm de fora e alguns que vêm dos países onde estão emigrados. Ao início da noite há um acordeonista que anima o baile, ficando o Monte em festa pela noite fora.

Há ainda um painel com seis azulejos produzidos no concelho que tem inscrito um conjunto de versos referentes à imagem da Virgem Maria e à fé desta gente. Tem ainda destacada a referência ao ano em que foi adaptada a parte religiosa a uma das paredes laterais do forno, que sempre esteve no meio do Monte para uso de todos. Cristiana Bastos na sua obra *Os Montes do Nordeste Algarvio* publicada em 1993, refere a dinâmica que estes montes tinham no anos 60 e a perda sofrida com o exódo rural, deixando os montes apenas com alguma população idosa.

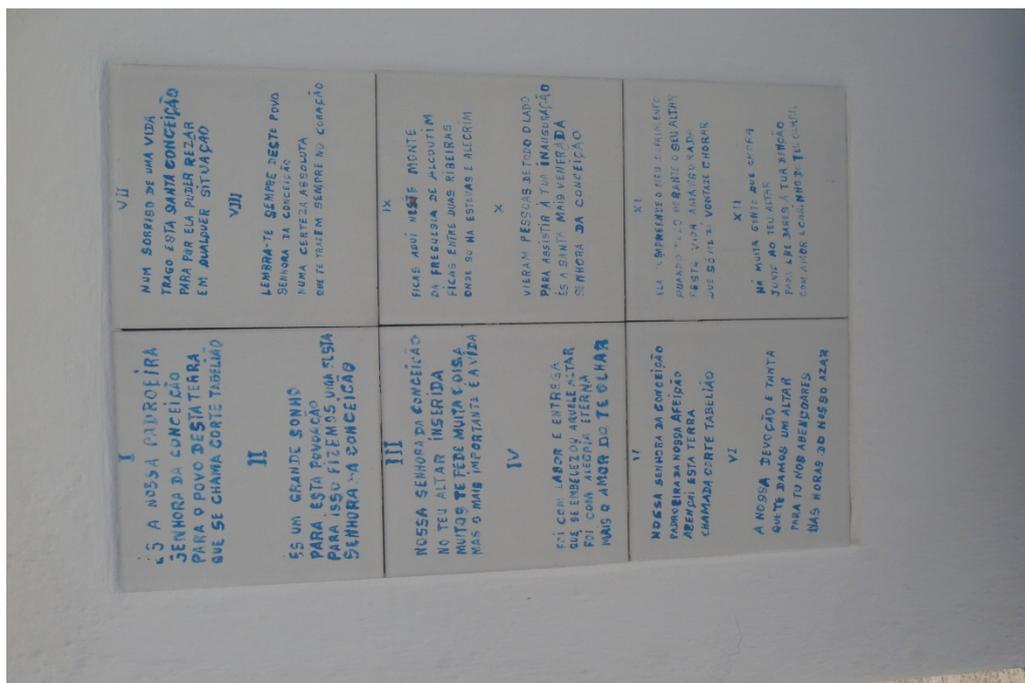


Figura 3: Painel com versos dedicados a Nossa Senhora da Conceição

Os doze versos dedicados a Nossa Senhora da Conceição, fazem referência à devoção dos habitantes do monte e à sua localização, tal com a elementos naturais da zona como as ribeiras, a esteva e o alecrim.

A devoção é tanta

Que te damos um altar

Para nos abençoares

Na horas de azar

Ficas aqui neste Monte

Da Freguesia de Alcoutim

Ficas entre duas ribeiras

Onde só há estevas e alecrim

O mesmo tipo de festividade religiosa e popular acontece nos outros Montes do Nordeste algarvio, com a particularidade de apenas este ter o oratório na parede do forno.

Tal como o forno apresentado, todos os outros fornos da zona são rectangulares, mas existe um monte onde o forno é redondo e tem dois apoios laterais para colocar os tabuleiros com o pão. As pessoas do monte sentam-se nos bancos laterais de apoio, ficando a partilhar vivências do tempo em que os seus avós também amassavam o pão e com quem aprenderam, não só a amassar, mas a fazer o sinal da Cruz e a oração ao colocar o pão no forno: “Deus te acrescente e que seja para muita gente!”.



Figura 4: Forno comunitário redondo com pote no topo e apoios laterais

O pote de barro no topo do forno representa o pote de ouro, porque ter pão é um tesouro e sempre foi visto como uma dádiva, uma bênção e daí o pão ter sempre associado a si uma componente religiosa. O pão era e é, a base da alimentação das populações da serra algarvia, tal como das populações do Alentejo. A partir do pão são feitas outras refeições como a açorda, o gaspacho, as migas, as rabanadas entre outras iguarias que se foram tornado produtos tradicionais de certas zonas.

Do mundo local aos desafios do mundo global

Anthony Giddens refere que a tradição persiste com algumas reinvenções a cada geração, mas sem haver um corte profundo, ou descontinuidade absoluta entre o ontem, hoje e o amanhã.

O referido sociólogo acrescenta ainda a ideia de que a tradição envolve o ritual e este constitui um meio prático de preservação. Nas sociedades ou comunidades que integram a tradição, os rituais são mecanismos de preservação da memória colectiva. Por exemplo a acção conjunta de ir apanhar a lenha para o forno, pelos campos, carregá-la à cabeça ou na

carroça de tração animal ou em alguns lugares no tractor, reforça a experiência quotidiana e fortalece o elo que une a comunidade.

O património material e imaterial mantém-se no meio rural porque existe identidade e grande proximidade entre os elementos da comunidade, quase sempre com um grau de parentesco entre eles. Esses laços reforçam o sentido de responsabilidade na preservação daquilo que lhes foi deixado pelos antepassados.

É um legado que pesa na construção social da herança cultural e da memória colectiva e essa redescoberta da memória, da tradição e da identidade, tem uma autenticidade que facilita a criação de atractivos turísticos. Permitir a experiência turística, desde que de forma sustentável, valorizando a paisagem, as populações idosas e os seus saberes, reavivando imaginários, pode ser uma mais-valia para todas as partes: quem é visitado e quem visita.

Segundo a Convenção Europeia da Paisagem, assinada por Portugal e pelos restantes membros do Conselho da Europa, em Outubro de 2000, a paisagem desempenha importantes funções de interesse público no âmbito cultural, ecológico, ambiental e social e

constitui claramente um recurso favorável à actividade económica. Ainda segundo a mesma Convenção, o património do mundo rural deve ser entendido e utilizado, tendo em conta todas as suas componentes (paisagem, edifícios, técnicas, instrumentos, saberes-fazer e o próprio homem rural) como um verdadeiro factor de desenvolvimento.

De facto todos estes elementos são um património vivo. Os diferentes actores do mundo rural, interligando-se com esses elementos, conferem-lhe um sentido e um valor para a colectividade e para o território.

Existe uma ideia, quase generalizada, de que com o mundo globalizado, as tradições vão ficando esquecidas. No entanto alguns autores são unânimes em afirmar que a era da globalização permitiu uma valorização do que é local e específico, na medida em que perante um mundo cada vez mais homogeneizado, aquilo que marque pela diferença e contenha ingredientes de genuinidade é procurado e valorizado. Aliás, as ferramentas que foram desenvolvidas no âmbito das novas tecnologias da informação, permitem que em minutos possamos ver na Internet imagens, filmes ou documentários sobre as tradições de localidades remotas.

Enquanto por um lado se resiste ao processo de globalização, por outro lado usam-se as ferramentas produzidas por esse processo para divulgar e manter a memória de certas tradições. Daí que talvez as palavras de Teresa Pinto Correia façam sentido nesta breve partilha sobre o património do meio rural, o futuro do território e a paisagem rural, “a verdadeira inovação e capacidade de resistência ao processo de globalização provêm mais provavelmente da procura consciente de um novo carácter, que integre a herança do passado com a procura de várias funções no presente e as expectativas em relação ao futuro.”(Correia, 2004: 8)

Conclusão

O património ao longo do tempo vai sendo reinventado e vão-lhe sendo acrescentadas novas funções, que por vezes atraem pessoas de fora da comunidade. “Ao mesmo tempo que o carácter de cada paisagem se vai desvanecendo, vai aumentando o interesse e procura da paisagem rural por outros utilizadores que não a comunidade que nela vive ou viveu.” (Correia: 2004, 8) Estes novos utilizadores, muito provavelmente, procuram fruir o espaço através da vivência de novas experiências tais como: amassar o pão, ouvir as histórias de antigamente, colocar o pão no forno, aprender as orações para bênção do pão e, naturalmente, no final, degustá-lo juntamente com os produtos da região como os enchidos, o presente, o queijo, o mel e as azeitonas. Enfim, será a fruição, junto do património material, desses saberes e sabores, enquanto parte do património imaterial, que enriquecem a vivência no mundo rural.

Daí se falar de uma possível experiência turística sustentável, em que exista uma redescoberta e interpretação do território rural, com alternativas para o desenvolvimento dos territórios rurais. Em que os recursos sejam valorizados e que possam permitir que, a pouca população existente, se mantenha nos locais de origem e obtenha alguma rentabilidade na manutenção das suas tradições, e que também lhe permita manter um equilíbrio na sua relação com o passado, o presente e o futuro.

Referências bibliográficas

Bastos, Cristiana; (1993). *Os Montes do Nordeste Algarvio*. Lisboa: Editora Cosmos. 1ª Edição

Castels, Manuel; (2000). *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2ª edição.

Convenção Europeia da Paisagem; (2000) <http://www.gddc.pt/siii/docs/dec4-2005.pdf>. Data último acesso: 31.08.2016

Correia, Teresa; (2004). “A multifuncionalidade da paisagem rural. Que desafio para o futuro?” in *Pessoas e Lugares. Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, IIª série, nº16, Janeiro/Fevereiro.

Giddens, Anthony; (2002). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença, 4ª edição.

Guia de Observação do Património Rural; (2009) Direcção de Serviços da Agricultura, Territórios e Agentes Rurais http://www.dgadr.mamaot.pt/images/docs/div_meiorural/i010464.pdf Data último acesso: 30.08.2016